

**De criança a aluno: a escola numa
comunidade rural no interior da Bahia (1940-1960)**

Tânia Mara Pereira Vasconcelos*

RESUMO: Esse texto se propõe a analisar a disciplina da escola paroquial em Serrolândia (1940-1960). Essa escola foi a primeira escola formal existente nessa comunidade. Fundada por um Padre austríaco, que possuía grande destaque e autoridade, graças ao exercício de funções caritativas e assistenciais em toda a região. O ensino era gratuito e a disciplina era extremamente rígida, com base num ideal religioso. O uso de premiações e sanções, através dos castigos físicos, bem como a catequização dos alunos, eram as estratégias utilizadas para garantir a disciplina. No entanto, encontramos resistências a esse sistema, com a existência de vários casos de expulsão de alunos por insubordinação. As fontes utilizadas se constituem de depoimentos orais, jornais de Jacobina, além de livros de matrícula e assiduidade da escola paroquial.

Palavras-chave: Escola - Religião - Disciplina.

ABSTRACT: That text aims to analyze the discipline of the parochial school in Serrolândia (1940-1960). That school was the first existent formal school in that community. Founded by an Austrian Priest, that possessed great prominence and authority, thanks to the exercise of charitable functions in the whole area. The teaching was free and the discipline was extremely rigid, with base in a religious ideal. The use of awards and sanctions, through the physical punishments, as well as the students' catechization, were the forms used to guarantee the discipline. However, we faced resistances to that system, with the existence of several cases of students' expulsion for insubordination. The used sources consist of oral depositions, newspapers of Jacobina besides registration books and regular attendance of the parochial school.

Keywords: School - Religion - Discipline.

Levando em conta ser a infância um conceito construído historicamente, procuro analisar nesse estudo discursos e práticas presentes na escola que refletem a mentalidade em relação à criança. A escola aparece como uma das principais instituições que visam o ajustamento da criança, sendo identificados três tipos: a escola particular rural, a escola paroquial e a escola pública. No presente texto, devido à exigüidade do espaço, optei por apresentar um recorte que trata apenas da escola paroquial.

Serrolândia é um pequeno município¹ do interior da Bahia, localizado no Semi-árido baiano, a 319,9 Km de Salvador. Foi fundado no início dos anos 1940, como povoado de Serrote,

pertencente ao município de Jacobina. Tornou-se vila em 1952, tendo sido emancipado em 1962.

A escola paroquial

A escola paroquial foi fundada no povoado de Serrote em 1941, trazida pelo Padre austríaco Alfredo Haasler, que ficou muito conhecido na região de Jacobina como um “grande catequizador”, tendo fundado escolas em toda a micro-região. Foi a primeira escola formal existente no povoado. Funcionava com uma única classe no sistema multisseriado. O ensino era gratuito, as professoras vinham de fora, ficando hospedadas em casas de pais de alunos. Essa escola permaneceu no Povoado de Serrote até meados dos anos 1950.

A escola paroquial tinha uma interferência direta na vida da comunidade. A figura do Pe. Alfredo era extremamente respeitada, exercendo talvez uma influência maior que a do Estado. Suas funções ultrapassavam muito as sacerdotais, se tornando quase um mito naquela região devido sua atuação caritativa, conforme nos relata os depoentes.

***D. Elisa:** Ele (Pe. Alfredo) trabalhava em prol da comunidade. No lugar que tinha escola paroquial ele era de parteiro a juiz. Freqüentava, visitava, conhecia todo pai... conhecia todo mundo, num é? E ajudava a todos e ele receitava, trazia remédios (...)No período que ele vinha ele ficava mais de dois dias porque ele tinha que reunir com os pais. No primeiro dia era missa, era batizado, esse negócio todo e depois, os outros dias era pra reunir com os pais, com os alunos. Me lembro que ele verificava as caderneta tudo, pra ver o andamento dos alunos.²*

***D. Isabel:** Pe. Alfredo era padre e médico, ele era quem dava a medicação, quando adoecia um a gente levava por conta dele pra Jacobina.³*

***Sr. Reinaldo:** ...o padre Alfredo também ajudava muito em medicamentos, fardas. Minha mãe por exemplo recebia um bocado de coisas porque não tinha condição, viúva sem marido e com nove filhos, era difícil.⁴*

D. Elisa e D. Isabel foram alunas na década de 1940, a segunda se tornou professora na década de 1950, tendo sido professora do Sr. Ronaldo.

A atuação assistencial do Pe. Alfredo também é destacada no jornal O Lidador, de Jacobina, em matéria escrita pelo Pe. Antônio Vieira, em 31.07.1955:

¹ A população de Serrolândia, segundo dados do IBGE, era de 12.616 habitantes em 2000. IBGE. *Censo Demográfico de 2000*.

² Elisa de A. Moreira, entrevista concedida em 15.11.2004.

³ Isabel dos Santos Lima, entrevista concedida em 12.08.2006.

⁴ Reinaldo Moreira de Lima, entrevista concedida em 10.04.2007.

Aquela gente, porém, conhece um Samaritano: o vigário da paróquia: Padre Alfredo Haasler. (...) Periodicamente Padre Alfredo visita todos os pontos da paróquia, levando consigo, em alforjes e em cargas, remédio, vitaminas, leite em pó e roupas que distribui a todos os deserdados da sorte. Tornou-se por vocação, médico das almas. E por necessidade, médico do corpo, receitando doentes, distribuindo e aplicando gratuitamente os medicamentos. (...) – Não é só! Mantém, desde 1939, Escolas Paroquiais, nestes recantos abandonados, com matrícula, às vezes, superior a 600 alunos. Pagos as próprias expensas o professorado, as bancas, fardas e livros para as crianças mais pobres...

As múltiplas funções exercidas pelo Pe. Alfredo - eclesiástica, médica, caritativa e pedagógica - provavelmente lhe conferiam o poder de maior autoridade dentro da comunidade. A Igreja, como um poder legitimado, acabava exercendo um controle sobre os comportamentos, facilitado pela penetração que a instituição escolar tinha naquela comunidade.

A extrema organização e rigidez da escola paroquial foi comentada por todos os depoentes. A pontualidade e a higiene eram requisitos indispensáveis aos alunos, como comenta o ex-aluno Sr. Florivaldo: “Tinha disciplina mesmo e o horário, era horário britânico, tinha que chegar na hora e sair na hora (...) todo mundo de unha cortada e cabelo penteado...”⁵

D. Isabel, que foi aluna e professora atesta a continuidade desse modelo:

As professoras eram muito rigorosas, a gente não podia entrar atrasado na sala de aula, muitas vezes quando a gente chegava atrasado um pouquinho os alunos todos se levantavam, então a gente ficava envergonhado daquilo, de chegar atrasado. Os professores eram muito rigorosos em horário, então a gente ficou nesse estilo. Quando nós começamos a ensinar a gente também seguia o mesmo ritmo dos professores, daquilo que a gente aprendeu (...) a sala era bem organizada, quando entrava era em fila, quando saía era em fila bastava a gente bater palma todo mundo levantava e entrava na fila... e todo mundo obedecia, todo seguia o ritmo da escola direitinho.

A preocupação com a ordem, a pontualidade e a higiene é parte de um ideal moderno civilizador que visa disciplinar a população, interferindo no seu cotidiano, procurando assim, modificar hábitos e costumes. A disciplina da escola paroquial era bastante rígida, fundamentando-se numa moral religiosa. Os castigos eram muito freqüentes como na maioria das escolas da época. A sabatina se constituía o principal método de verificação da assimilação dos conteúdos. Vejamos como os alunos e a professora recordam esses momentos:

⁵ Florivaldo M. Souza, entrevista concedida em 10.11.2004.

D. Elisa: Por qualquer coisa apanhava, era uma coisa impressionante, as professoras batiam mesmo (...) Botava de castigo se num desse a lição. Tinha que aprender a lição de cór, tinha que aprender de cór e salteado, e a professora perguntava e tinha que responder ali, sem faltar uma vírgula.

Sr. Reinaldo: A disciplina era a melhor possível porque os professores eram rígidos, eles faziam questão que os alunos aprendessem. De que maneira? Através de conselhos e pancadas, pra sentir a dor física mesmo. Por exemplo na hora da sabatina mesmo, quando a pergunta era feita ali e eu errava, teria que apanhar porque não estudou (...) existia naquela época a palmatória furadinha no meio, ardia demais, e a régua, nós tínhamos medo da régua e da palmatória. Com a régua batia no braço, eram lugares escolhidos pelos professores, isso acontecia quando conversávamos muito e não dava atenção.

D. Isabel: E a disciplina era assim, a gente castigava num é? As vezes a gente fazia sabatina e naquelas horas é que os próprios colegas batiam nos outros, num era tanto a professora que batia era mais... quem sabia mais batia mais, o negócio era esse. E a gente às vezes castigava o aluno num é? Diz que corrigir é amor. Ninguém fazia por maldade, mas por correção e todo mundo respeitava.

O uso dos castigos físicos geralmente não é questionado pelos ex-alunos da escola paroquial. A maioria considera que “a de escola antigamente era melhor que a de hoje”, expressando um certo saudosismo, muito comum em relatos orais. As professoras entrevistadas, também de outras escolas em Serrolândia, embora admitam que aplicavam castigos físicos em seus alunos, o fazem demonstrando um certo constrangimento. O uso da palmatória, feita pelos alunos nos momentos da sabatina e não pela própria professora, aparece como uma forma de amenizar uma prática não mais aceita atualmente.

Mary Del Priore (1999, p.97) comenta a naturalidade dos castigos físicos como forma de educar as crianças, no período colonial. “A correção era vista como uma forma de amor.” A partir da segunda metade do século XVIII, com a instituição das Aulas Régias, a palmatória passa a ser o principal instrumento de correção. Como vimos, esse concepção permaneceu até meados do século XX, em muitos lugares como Serrolândia.

A disciplina da escola paroquial era calcada em princípios religiosos. Além de haver o ensino religioso nas aulas, os alunos deveriam ser necessariamente católicos, freqüentando todas as missas e participando da catequese. Havia um grupo denominado Cruzada, do qual D. Elisa e D. Isabel fizeram parte.

D. Elisa: *Tinha oração (na escola), iniciava com oração e encerrava com oração (...) Tinha catequese, tinha missa e tinha um grupo, eu mesmo era do grupo (...) A Cruzada era um grupo de alunos que tinham responsabilidade de distribuir folheto. (...) Quando Pe. Alfredo chegava tinha reunião dos alunos do grupo da Cruzada. Nós tínhamos uma fita vermelha... Não! Cruzada era azul claro com uma medalha (...) se tinha o pai de um aluno doente, qualquer coisa a gente dava notícia à professora. Era como um grupo de evangelização.*

D. Isabel: *...era como líder, líder dos colegas (...) em qualquer setor, em qualquer lugar, na rua e em qualquer lugar. A gente tinha mais obrigação do que os outros de cuidar, tanto da religião quanto da parte cívica, de tudo.*

Parece-nos que esse grupo tinha uma função disciplinar, que funcionava como uma espécie de vigilância, atuando de certa forma como intermediário da relação escola-comunidade, mantendo as professoras sempre informadas sobre a vida das famílias dos alunos. A hierarquia era fundamental nesse sistema disciplinar. D. Elisa comenta os critérios de escolha desses alunos:

Através do comportamento... mais comportado (...) era oração, um ajudava o outro. É uma irmandade, entendeu? Depois disso, quando a gente saía da Cruzada, que passava... que lá é até a adolescência, né? No final da adolescência as meninas iam ser filhas de Maria, aí já mudava a cor da fita, a fita já era vermelha.

A Cruzada provavelmente se constituía como uma elite dentro da escola. O distintivo utilizado eles, se modificava à medida que o grupo atingia uma outra faixa etária. É provável que o que diferenciava esse grupo do restante dos alunos fosse sua maior adequação à disciplina desejada pela escola. Segundo D. Elisa: “Os alunos da escola paroquial, eles eram preparados (...) A gente na época da Semana Santa, jejuava os três dias. (...) a turma que era da Cruzada não tomava café, ia pra escola, lá pra o salão e depois os pais mandavam o café, a gente tomava café já era tarde.”

O sacrifício religioso aparece como mais uma forma de diferenciação dos alunos da Cruzada. A dimensão religiosa dessa escola está relacionada a uma visão de infância, que idealiza a criança como um ser puro e inocente.

Segundo Del Priore (1999) os jesuítas foram responsáveis pela elaboração dos primeiros modelos ideológicos sobre a criança no Brasil. Na Europa, ao longo do século XVI, fabricou-se a devoção ao menino Jesus. O sentimento de valorização da criança, a partir daí, esteve presente nos discursos dos padres que, na intenção de evangelizar os habitantes do “Novo mundo” davam preferências às crianças, consideradas como “o papel branco”, a “cera virgem”, mais propensos a aceitar os ensinamentos religiosos católicos do que os adultos. Nesse sentido, a infância é percebida como um momento oportuno para a catequese. Com base nesse ideal, se formaram os primeiros colégios do Brasil colonial.

A disciplina escolar teve origem na disciplina eclesiástica, sendo os jesuítas os primeiros a chamar a atenção para a especificidade infantil. Segundo Ariès (1981, p.191), “ela era menos um instrumento de coerção do que de aperfeiçoamento moral e espiritual e foi adotada por sua eficácia por que era a condição necessária do trabalho em comum”.

A partir das análises de Michel Foucault (1979, p.187) foi possível pensar a disciplina como um novo tipo de poder, uma das grandes invenções da sociedade burguesa. “É um tipo de poder que se exerce continuamente através da vigilância”. As disciplinas têm como principal objetivo a normatização, através do adestramento dos corpos. A punição no sistema disciplinar funciona através do mecanismo gratificação-sanção.

Podemos identificar na escola paroquial de Serrote um sistema disciplinar baseado na hierarquização, através de promoções e brindes, segundo D. Elisa:

Final do ano assim, Pe. Alfredo trazia, fazia brinde, alunos que mais destacavam ganhavam (...) Tinha primeiro lugar, segundo lugar (...) Era pelas notas, somava comportamento também, viu? Mais quase... o comportamento dos alunos na escola era bom, porque a escola paroquial catequizava mesmo. Era difícil ter um aluno insubordinado na sala de aula, num tinha.(...) Todo mundo entrava ali, era o mesmo comportamento, como se estivesse na Igreja...

Para a depoente, o “bom comportamento” era consequência da catequização, que atingia a todos. Apesar de três ex-alunos entrevistados não se lembrarem de haver insubordinação por parte dos alunos, através da documentação escrita foi possível perceber que essa disciplinarização não era assim tão hegemônica, nem pacífica. Nos livros de matrícula encontramos vários casos de expulsão de alunos por “desobediência” ou “insubordinação”. No livro de matrícula de 1944, aparecem registrados dois casos de expulsão por desobediência. Em 1945, aparecem mais quatro casos semelhantes. Um deles foi o aluno Dermival Vilas Boas, que aos 14 anos cursava a 4ª série, tendo sido matriculado no dia 05 de março, sendo expulso em 30 de julho. Nesta mesma data, seus irmãos Dianor, Dinorá e Dalva, aparecem como “eliminados em protesto a desobediência do irmão”.

Entrevistei o Sr. Dermival, solicitando que relatasse esse fato. Ele demonstrou não se lembrar muito bem de como tudo ocorreu e não confirmou a versão da expulsão por desobediência registrada no livro. Segundo o depoente seu pai o retirou da escola porque ele se sentia discriminado pela professora, achava que ela tinha preferência por um outro colega, o que lhe despertava ciúmes.

...então a professora tinha mais assim... uma espécie de proteção mais a Flori, e a gente, você sabe que fica ciumento, aquela coisa, então a gente achava que qualquer coisinha vinha um castigo pra gente, foi daquele tempo que tinha castigo (...) Mas a coisa chegou a tal ponto que meu pai reconheceu que havia uma perseguição pra mim, eu só... mas quase sempre chegava contrariado, porque a professora, as coisas mais difícil, me botava pra não acontecer o resultado bom (...) então quando chegou no meio do ano, aí meu pai me tirou, me tirou não, me levou pra roça, aí eu acabei. Foi a última escola que eu tive foi essa.⁶

Sr. Dermival não se lembra muito bem da saída dos seus irmãos da escola e, apesar do fato ocorrido, afirma que a escola era muito boa, expressando uma certa auto-culpabilização pelo fato de não ser muito bom na escola: “eu sei que eu achava os outros também, era mais inteligente do que eu, Flori mesmo era... os meus irmãos era melhor do que eu, eu era mais rude, eu era mais chegado a negócio de roça.”

O sistema de hierarquização presente nessa escola provavelmente provocava esse tipo de sentimento em muitos alunos que não se adequavam às exigências impostas. É significativo o caso dos irmãos do Sr. Dermival terem saído da escola em protesto à sua expulsão, como está registrado no livro de matrículas. Este fato nos indica uma resistência por parte dos alunos e dos pais contra a excessiva rigidez da escola e principalmente contra um sistema classificatório implícito na relação professor-aluno. A concessão do privilégio aos “melhores alunos” de uma proximidade maior com a professora, e a discriminação dos outros, faz parte de um sistema normatizador, que hierarquiza os indivíduos e divide-os entre “os bons e os maus”. Segundo Foucault:

A divisão segundo as classificações ou os graus tem um duplo papel: marcar os desvios, hierarquizar as qualidades, as competências e as aptidões; mas também castigar e recompensar. (...) A disciplina recompensa unicamente pelo jogo das promoções que permitem hierarquias e lugares. (...) O próprio sistema de classificação vale como recompensa ou punição. (FOUCAULT, 1999, p.151)

Em 1946 houve mais três casos de expulsão de alunos registrado nos livros da escola e em 1947 mais um. Nos livros de 1948 até 1951, não aparecem mais nenhum caso de expulsão de alunos. Não consegui ter acesso aos livros posteriores a essa data. D. Isabel, que foi professora em Serrolândia por volta de 1955, afirmou nunca ter expulsado um aluno. No entanto, se lembra que era uma recomendação do Padre: “quando tinha um insuportável a gente expulsava, Pe. Alfredo exigia. Dizia ele, pra não prejudicar os outros, né? Quem não queria nada não ficava.”

Nos livros de matrícula que tive acesso, correspondentes a nove anos, havia dez casos de expulsão por desobediência ou insubordinação, o que indica ser este um fato muito

⁶ Dermival Vilas Boas, entrevista concedida em 13.04.2007.

presente nesta escola, especialmente entre os anos de 1944 a 1947. A partir de 1948 estes casos desaparecem, o que me leva a pensar em duas hipóteses: teria havido a partir desse momento um maior afrouxamento da disciplina ou os alunos se adequaram a ela, tendo sido realmente “catequizados”, como supõe a depoente Elisa. A segunda hipótese me parece menos provável, pois não acredito na possibilidade da disciplina se impor de tal forma a ponto de não haver resistências a ela.

REFERÊNCIAS

ARIÈS, Philippe. *História Social da Criança e da Família*. 2. Ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

DEL PRIORE, Mary (org.). *História das Crianças no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1999.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 1999.

_____. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro, RJ: Graal, 1979.

MANACORDA, Mário A. *História da Educação: da Antiguidade aos nossos dias*. São Paulo, SP: Cortez, 1989.

MARCÍLIO, Maria Luiza. *História da Escola em São Paulo e no Brasil*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado/ Instituto Braudel, 2005.

REIS, Diomedes Pereira dos. *Serrote de ontem, Serrolândia de hoje*. Salvador: Press color, 1994.

ROMANELLI, Otaíza de O. *História da educação no Brasil (1930-1973)*. Petrópolis: Vozes, 1999.

VASCONCELOS, Tânia Mara P. Do castigo ao prêmio: concepções de infância e educação numa comunidade do interior (1940-1970). *Revista da FAEEBA: Educação e Contemporaneidade*. UNEB, v. 14, num. 24 - jul/dez. 2005. p. 175-191.